



A associatividade e as linguagens não verbais: Comentário

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Revista de Psicanálise da SPPA, v. 16, n. 1, p. 167-173, abril 2009 □ 167



O autor, na sua apresentação do problema, insere-nos de imediato na problemática das inúmeras formas pelas quais o inconsciente, dentro de cada um de nós, comunica-se e para quem se dirige. Diz o autor:

“[...] proponho justamente à reflexão que as manifestações corporais (ou mesmo somáticas) e os atos devem ser entendidos como formas de narrações oriundas da linguagem *inacabada* do corpo e do ato” (p. 145).

Propõe assim que a pulsão é *mensageira* e se expressa sob a forma de representante-representação de palavras, representante-representação de coisa (ação) e representante-afeto. É evidente o paradigma freudiano que alicerça o pensamento do autor. Das minhas associações surge um filme, recentemente revisto, de Akira Kurosawa, *Dersu Uzala* (1975), no qual este último é um mongol indígena que guia uma expedição topográfica na Sibéria. Penso que o analista funciona como este selvagem, sentindo os inúmeros sinais da floresta, as mais variadas trilhas recentes e antigas a fim de que a expedição atinja seus objetivos. Conversa com a floresta como o psicanalista deve conversar com o inconsciente. Lembrom-me também da *Carta 52* de 1896 na qual Freud nos afirma que os ataques histéricos são endereçados a algum personagem ou, como no *Mal-Estar na Cultura* (1930), quando Freud também afirma que a escritura é a linguagem do ausente. Enfim, quem é o ausente? Se existem mensagens, devemos descobrir por quem e para quem são dirigidas. Para tanto a comunicação deverá ser reconhecida, independentemente da sua forma como bem assinala o autor.

Na segunda parte o autor retoma sua argumentação notificando que “[...] nada no humano é radicalmente desprovido de sentido” (p. 146). Para tanto devemos desvendar as lógicas subsequentes destes fenômenos. São, portanto, formas de expressão das pulsões e do sujeito que as anima. Inclui nesta série, além dos atos e dos afetos, os sintomas ditos psicossomáticos. Ampara-se, para tanto, na reflexão freudiana. São mensagens endereçadas e não simplesmente descargas.

Sentindo a necessidade de amparar-se em Freud, o autor propõe na terceira parte uma recapitulação da *linguagem do ato na obra de Freud*. Lembra-nos, de imediato, a compreensão ampla do sentido de linguagem para Freud: “[...] para linguagem, não devemos entender apenas a expressão dos pensamentos em palavras, mas também a linguagem dos gestos e toda forma de expressão psíquica,” citando o *Interesse Científico da Psicanálise* (1913, p. 179). Os atos demonstram um pensamento, contam histórias e fantasias.



Associo isso com o *ato sintomático* de Dora (Freud, 1905) manipulando sua bolsinha de moedas com os dedos. Prossegue o autor descrevendo como Freud revela a *complexidade significativa* do ataque histérico revelando a condensação de vários personagens e fantasias bissexuais. O corpo, portanto, fala na histeria. O endereço da fala é o próprio sujeito e o outro indiferente que deverá decodificar a mensagem. Duas hipóteses surgem em 1938 no trabalho *Construções em Análise* completando estes primeiros estudos. O sintoma psicótico também conta a história de “um acontecimento visto ou ouvido em época anterior à emergência da linguagem verbal”, o que ocorre devido à “[...] *insuficiência da capacidade de síntese da época*” (p. 6). Assim, conforme o autor, Freud subentende que o que foi vivido ressurgiu com a capacidade de comunicação da época, isto é, a linguagem do corpo e do ato. É desta forma que o autor nos introduz na quarta parte do seu estudo: corpo e atos mensageiros nas problemáticas narciso-identitárias.

Debruça-se assim nas particularidades das experiências primitivas, na medida em que as mesmas são reveladoras da linguagem do ato e do corpo. Para o autor, a subjetividade do bebê não é unificada. Baseia-se na *insuficiência da capacidade de síntese* evocada por Freud. Também refere David (1997) com sua *nebulosa subjetiva* e o eu infantil de núcleos *aglutinados* (Bleger, 1967). Não haveria o processo de clivagem, pois o estado não integrado difere do estado desintegrado (Winnicott). As experiências subjetivas primitivas “[...] *articulam-se estreitamente com os estados do corpo*” (p. 151). Associo aqui uma interessante nota de pé de página acrescida por Strachey no capítulo V do texto *O Inconsciente* (1915). Em uma carta a Geor Groddek de 5 de junho de 1917 Freud escreve: “[...] *a afirmação de que o ato inconsciente tem uma influência intensa e plástica sobre os processos somáticos, de uma forma que o ato consciente jamais conhecerá*” (p. 184). Eis, talvez, uma pequena contribuição ao pensamento do autor. Prossegue o autor referindo-se à erótica primitiva, que não é do tipo orgástico. Seria esta uma diferença entre a sexualidade precoce ou primordial e a da sexualidade adulta. Refere ser a primeira do tipo homossensual. Este seria um ponto algo obscuro para mim e seria interessante ouvi-lo um pouco mais a este respeito.

Perfeitamente compreensível é a colocação que tais experiências infantis são vividas fora do tempo cronológico: não possuem início nem fim, principalmente quando carregadas de desprazer. As prazerosas tendem a se inscrever em formas rítmicas elementares. Portanto aqui introduzo nova questão: o ritmo primitivo prazeroso seria, na sua concepção, um introdutor primitivo do então posterior princípio de realidade? Poderíamos associá-lo ao que Freud denomina de vivência de satisfação, vivência esta que necessariamente envolve a ação específica? De acordo com sua proposição, seguindo Marcelli (1992), tais formas rítmicas se



organizam em formas de temporalidade. Poderíamos supor que, dentro destas situações, se ultrapassaria a angústia traumática primária abrindo-se espaço para a angústia sinal, seguindo a linguagem de Freud de 1926?

Introduz então o autor o problema da memória. Portanto, estas experiências infantis, principalmente às ligadas ao desprazer, não se constituem em lembranças, não formam parte da memória declarativa. Entretanto, de acordo com Bowlby, criam *modelos internos operantes*. Pertencem a qualquer tempo, reatualizando-se de modo alucinatório, sendo assim sempre *atuais*. Mesclam-se a percepções atuais tornando-se difíceis de serem inferidas. O fato de conterem o perceptual atual e a reapresentação da experiência precoce possibilita que tais fenômenos sejam aptos a modificarem o *après coup*. Na linguagem freudiana de 1926, são formas de *afeto-abalo de todo o ser*. Não há como não associá-las aos restos mnêmicos arcaicos constituídos pela lógica da simultaneidade da carta 52 (1986) e do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900). Seriam estes conceitos próximos do pictograma de Aulagnier (1997). Portanto, prossegue o autor, é sua hipótese que experiências desta natureza, traumáticas e primitivas, são dirigidas ao entorno que, ao reconhecê-las, define-as como qualidade significante. Caso isto não aconteça, tais situações se degradam numa evacuação insignificante. O Eu se sentiria habitado por pontos enigmáticos e movimentos sem sentido. Sugere assim adotar a terminologia proposta por Freud (1896) de *fueros* que mantêm uma lógica arcaica desintegrada do desenvolvimento integrativo natural.

Pergunta-se então o autor como ocorre tal *dever integrativo natural* no universo da linguagem. Sugere-nos três maneiras. A primeira é a integração progressiva das expressões mimo-gesto-posturais e representação da coisa com as representações da palavra. A ligação verbal permite conter e transformar as redes afetivas, não desaparecendo mesmo na idade adulta, quando fazem parte do todo. Tais formas de expressão são muito típicas das crianças e adolescentes. Em segundo lugar, a prosódia, que se refere à característica da emissão de sons na fala. A *voz* diz do colapso vivido, ela mesma entrando em colapso. Segundo o autor, a vivência afeta o aparelho da linguagem em seus aspectos mais *econômicos* de funcionamento. Finalmente, após a adolescência, pelo estilo da linguagem empregada. Sugere-nos aqui o exemplo de Marcel Proust cuja pontuação revela o arquejo asmático. Assim

“[...] quando a retomada integrativa é suficiente, os três registros que acabo de mencionar se conjugam para se apropriar das experiências subjetivas precoces e lhes dar um determinado status representativo secundário para simbolizar secundariamente a experiência primitiva”. (p. 154).



Portanto, para o autor, o predomínio da linguagem verbal não exclui a expressividade corporal. Sem esta, aquela tem sua função mal cumprida:

“[...] uma expressão verbal desprovida de afeto e de expressividade corporal produz um efeito de mal-estar no interlocutor, torna difícil a empatia, deixa transparecer o sujeito clivado da criança que ele foi e do fundo da experiência afetiva humana”. (p. 154)

Prossegue o autor debruçando-se sobre experiências subjetivas precoces que não foram *suficientemente* apropriadas pelo aparelho da linguagem. Aquilo que foi subtraído da simbolização por recalque, clivagem ou projeção encontrará formas de expressividade não verbal. Estabelece, então, um complemento à hipótese freudiana:

“[...] essas experiências subjetivas terão tendência a se manifestar em formas de linguagem não verbal que buscam no corpo, no soma, na motricidade e no ato sua forma de expressividade e de associatividade privilegiada”. (p. 155).

Assim tais experiências subjetivas traumáticas são submetidas a formas primitivas de pulsionalidade, analidade e oralidade primária, não sendo reorganizadas de acordo com o primado da genitalidade, nem mesmo a genitalidade infantil. Ocorreriam antes do *não* (terceiro organizador de Spitz), antes das formas da *fase de espelho* (Wallon 1932 ; Lacan 1966), ou da representação constante de objeto e da organização da analidade secundária (Roussillon). Antes, portanto, da reorganização da subjetividade que, segundo o autor, acontece na maior parte das vezes entre 18 e 24 meses.

Esclarece o autor que tais linguagens são ambíguas exatamente, pois apenas demonstram uma potencialidade de mensagem e de sentido. O outro, isto é, o objeto ao qual se dirigem deverá conferir a significação a ser acabada. Portanto tais pacientes dependem da presença perceptiva do objeto. Usualmente na clínica tais linguagens se nos apresentam como *degeneradas*, pois o objeto que deveria responder não foi encontrado ou não forneceu a resposta adequada. Cita, então, um primeiro exemplo: os autistas ou psicóticos fascinados pelo movimento de suas próprias mãos. A história *contada* é de um encontro não acontecido. O objeto ao qual se dirige o gesto *escorrega* e, sem poder apropriar-se de um fragmento de resposta, volta-se para si mesmo: “[...] a sombra do objeto não encontrado recai sobre o gesto, sobre o ato em oco, em sombra” (p. 156). Dado que o autor citou os



pós-kleinianos e a hipótese por parte dos mesmos de uma autossensualidade, das quais não discorda, a pergunta dirige-se exatamente a esta questão: tal busca de sensibilidade proprioceptiva é significativa da ausência do objeto através de sentidos proximais como os do tato ou do olfato, ou sentidos mais distais, como o visual. O autista mira incessantemente a mão que não lhe é devolvida ou sente incessantemente a mão que não lhe é tocada? De que forma tais situações estão superpostas e, já que o autor propõe a hipótese de *analísadores ou marcadores* da subjetividade, a prevalência da ausência do tato ou do olhar não demarcaria tipos específicos de formas psicopatológicas?

Segue-se uma série de ilustrações de fenômenos clínicos onde o *corpo se meteria na conversa*. O primeiro e mais notável é de Marine, que, após a elaboração de uma transferência paterna sadomasoquista, desenvolve uma transferência materna onde a mãe intrusiva se revela por uma úlcera péptica estomacal que a queima na região do esterno. Quando o analista lhe comunica que a mãe lhe servia mamadeiras quentes, o que origina uma associação com os cafés quentes servidos pela mãe, a solução representativa enriquece a comunicação suspensa e a úlcera estomacal torna-se *uma má lembrança*. Chama, então, atenção o autor sobre a *atualidade* do sintoma e sobre a revelação histórica que o mesmo contém. Outros exemplos de clivagem são propostos para exemplificar o corpo clivado que se intromete.

O relato desloca-se para o fetichismo através do exemplo citado por Freud em *Fetichismo* (1927), a excitação sentida pelo brilho do nariz do Homem dos Lobos. Confesso minha ignorância. Desconhecia que este exemplo referia-se ao Homem dos Lobos. Assim como com as serpentes na cabeça da Medusa cheia de pavor de Caravaggio, o autor acresce à castração o olhar da mãe de acordo com o proposto por Winnicott. Assim, a esta última referência, ao feminino primário acresce-se o feminino secundário. Quanto ao exemplo sobre o ato sexual que revela, segue o autor a sugestão de Freud de que o protótipo do primeiro é a primeira relação com o seio materno. Para finalizar, a domesticação dos animais, no caso do golfinho, como um *diálogo, uma transferência de base* entre o domador e o animal.

Gostaria, entretanto, de cumprimentar o autor pela clareza e simplicidade do texto. Se a *linguagem do ausente* se faz presente no interlocutor desconhecido, certamente o diálogo está inscrito no registro da significação. □



Referências

- AULANGNIER, P. C. (1997). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.
- BLEGER, J. (1967). *Symbiose et ambiguïté*, trad franç. Paris: PUF, 1981.
- DAVID, M. (1997). Activité spontanée et fonctionnement mental préverbal du nourrisson. In: *Que sont les bébés devenus*. Cahors : Érés.
- FREUD, S. (1895). Proyecto de psicología. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v1.
- _____. (1896). Carta 52. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 1.
- _____. (1900a). La interpretación de los sueños. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 5.
- _____. (1905). Fragmentos del análisis de um caso de histeria. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 5.
- _____. (1913). El interés científico del psicoanálisis In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 13.
- _____. (1915). Lo inconsciente. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 14.
- _____. (1927). Fetichismo In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 21.
- _____. (1930). El malestar en la cultura In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 21.
- _____. (1938). Construcciones en el análisis. In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v. 23.
- KUROSAWA, A. *Dersu Uzala*. Dirección: Akira Kurosawa. Produção: Atelier 41, Daiei Studios, Mosfilm. Roteiro: Vladimir Arsenyev; Akira Kurosawa. Intérpretes: Maksim Munzuk Yuri Solomin e outros. [Continental], 1975. (141 min).
- LACAN, J. (1966). *Ecrits*. Paris: Seuil.
- MARCELLI, D. (1992). Le rôle des microrhythmes et des macrorhythmes dans l'émergence de la pensée chez le nourrisson. *La Psychiatrie de l'enfant*, vol. XXXV, fasc. 1, p. 57-82.
- SPITZ, R. A. (1965). *De la Naissance à la Parole, la Première Année de la vie*, trad. fr. Paris
- WALLON, H. (1934) *Les origines du caractère chez l'enfant. Les préludes du sentiment de personnalité*, Paris, PUF, coll. Quadrige Le psychologue. 2002.

Recebido em 08/09/2009

Aceito em 15/09/2009

Raoldo Naumann Machado

Av. Caí, 735 – Casa 14

90810-120 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail:roalmachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA